

COLÓQUIO INTERNACIONAL “A VIRTUDE DO INEFÁVEL:
METAFÍSICA, ÉTICA, ESTÉTICA. VLADIMIR JANKÉLEVITCH
(1903-1985)

JOSÉ BEATO

1. Propósito, Contexto e Fundamentação

O encontro internacional “A Virtude do Inefável: metafísica, ética, estética” constituiu uma homenagem a Vladimir Jankélévitch (1903-1985), assinalando os 40 anos do seu falecimento. Realizado nos dias 5 e 6 de junho de 2025 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o evento foi promovido pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) e pelo Instituto de Estudos Filosóficos (IEF), em estreita colaboração com o Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação (DFCI), tendo contado ainda com o apoio da Direção da FLUC. Este colóquio congregou especialistas, tradutores e investigadores em torno dos eixos fundamentais da obra jankélévitchiana.

Vladimir Jankélévitch ocupa um lugar singular na filosofia do século XX. Não se reivindicando, nem sendo reclamado por nenhuma escola ou corrente, situa-se na peculiar convergência do vitalismo, do “espiritualismo francês” e das filosofias da existência. Embora o seu estilo e método sejam particularmente originais, não estamos perante um autor marginal, mas sim um académico que marcou gerações de estudantes na Sorbonne e cuja obra adquiriu uma notável relevância em contextos problematológicos que foram especialmente ativos ao longo de todo o século XX e mantêm, até hoje, uma acesa vitalidade.

A questão da superação da metafísica tradicional, o renovamento da ética das virtudes e o estatuto da música como linguagem são alguns dos temas em que intervém explicitamente. No entanto, o seu contributo para estes debates careceu, tanto em vida como durante várias décadas após a sua morte, de uma receção crítica adequada.

Assiste-se hoje, porém, a um franco crescimento dos estudos jankélévitchianos. Os horizontes reflexivos abertos por *Philosophie Première*, *Traité des Vertus*, *Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien*, *La Mort* ou *La Musique* e

L'Ineffable são hoje alvo de sucessivas incursões por uma nova geração de leitores entusiastas. Passados 40 anos sobre o seu desaparecimento, a 6 de junho de 1985, a obra deste filósofo, moralista e musicólogo tem sido objeto de reedições, de estudos aprofundados e de uma crescente difusão, tanto em contextos académicos como junto de um público mais vasto, pelo que a comunidade dos seus leitores e estudiosos não cessa de se expandir.

Este colóquio teve como objetivo divulgar e discutir o pensamento filosófico do autor, salientando a sua atualidade, profundidade e originalidade nas vertentes metafísica, moral e estética.

Sob este prisma, deve ser destacado o modo como Jankélévitch propõe uma “filosofia primeira” me-ontológica e meta-ontológica que visa o “facto de ser” na sua pura adveniência, ou seja, a “quodidade” fundamental de tudo o que é, para além do discurso empírico e essencialista. A metafísica, por esta via, ao mesmo tempo subvertida e renovada, suscita o primado do *fazer* e do *criar*, que confere ao domínio ético e estético uma posição privilegiada.

De modo tão laborioso quanto inspirado, o Autor propõe uma moral da intenção e uma ética do amor que revisita o horizonte das virtudes, além das aporias do deontologismo e do consequencialismo modernos, que importa pôr em evidência. É ainda com os estudos estilísticos sobre a obra de Fauré, Debussy, Ravel e outros compositores que o homenageado se destaca. Estes constituem um *corpus* musicológico original que, em total consonância com a sua obra filosófica, delineia uma estética do inefável e do “expressivo-inexpressivo”. É neste amplo contexto que a onto-gnoseologia do “não-sei-quê” e do quase-nada, apofática e analógica, ganha toda a sua profundidade e alcance.

A efeméride dos 40 anos do falecimento do filósofo forneceu uma inestimável ocasião para celebrar a posteridade da sua obra e vitalidade do seu legado, reunindo um conjunto de especialistas e admiradores num diálogo aberto à comunidade académica, bem como a um público não especializado, num momento de charneira em que a posteridade começa a fazer-lhe justiça.

2. Resumo das Comunicações

A conferência inaugural, a cargo de Frédéric Worms (École Normale Supérieure - Paris) e intitulada “*L'étonnement contre la sidération: nécessité de Jankélévitch!*”, estabeleceu o tom conceptual do colóquio, contrapondo o espanto exclamativo à sideração paralisante. Frédéric Worms recordou como o homenageado ocupa um lugar central nesse “momento da existência” do século XX, tenso entre o *maravilhamento*, que propulsiona a metafísica do inefável, e a *indignação*, que suscita a ética das virtudes numa moral intransigente. A intervenção explorou como Jankélévitch oferece instrumentos

conceptuais essenciais para enfrentar os impasses contemporâneos, particularmente na sua capacidade de manter viva a interrogação filosófica face ao inefável. Sublinhou-se assim a atualidade da filosofia jankélévitchiana como resposta aos desafios de um mundo marcado pela complexidade e pela incerteza.

Na sua intervenção, intitulada “*Charis: la grâce de l’ineffable*”, Enrica Lisciani-Petrini (Università di Salerno) destacou a diferença radical entre a proposta metafísica de Jankélévitch e a ontologia tradicional. Enquanto esta, desde Platão, se funda num Ser visível e dizível, a “meontologia” jankélévitchiana concentra-se num ‘ser’ inteiramente refratário à razão e à palavra humana – um “não sei quê” inefável que, todavia, constitui fonte inesgotável da “eflorescência” do real e do incessante “fazer” humano. Impelido a “dizê-lo e redizê-lo interminavelmente”, o homem multiplica as palavras e os modos de dar forma a esse ‘ser’ inapreensível, instituindo mundos nos quais se instala – sempre precários e continuamente postos em questão. Enrica Lisciani-Petrini deteve-se sobre o termo *charis* (graça), que Jankélévitch utiliza para nomear este dinamismo interno ao real, evidenciando a sua proveniência grega antiga e as sucessivas translações semânticas – do Cristianismo (onde *charis* se torna *charitas*) até à contemporaneidade. Particular atenção foi dedicada à aceção fornecida por Plotino, especificamente retomada e intensificada por Jankélévitch. A oradora mostrou como esta virtude inefável e “graciosa” está na origem não apenas da “luxuriante epifania” do real, mas paralelamente da verdadeira moral e da criação artística, em especial, na música.

A comunicação de Françoise Schwab, historiadora, biógrafa e amiga pessoal de Jankélévitch, intitulada “*L’impalpable réalité morale*”, ofereceu um testemunho privilegiado sobre a obra e a pessoa do filósofo, enfatizando o primado absoluto da moral no seu pensamento. Françoise Schwab traçou a evolução intelectual de Jankélévitch desde os primeiros trabalhos, marcados pela influência bergsoniana e pela primazia concedida à vida, até à transformação operada pela guerra, que tornou o seu pensamento menos idealista e mais centrado numa filosofia da ação e da vontade atuante. A comunicação explorou os conceitos centrais da moral jankélévitchiana: a consciência fissurada como origem do sofrimento e do mal; a intenção moral como o objeto primeiro e fugidio; a liberdade como “*oiseau-volonté*” vencendo as hesitações no gesto inaugural da ação. Françoise Schwab destacou particularmente a importância do *je-ne-sais-quoi* e do *presque-rien*, noções elusivas redefinindo os limites do pensável e do dizível. A oradora sublinhou ainda o carácter singular desta filosofia vivida e vivente, que foi inatual no seu tempo mas profundamente atual, hoje, e que recusou os sistemas fechados para assumir uma posição de perpétuo inacabamento. O testemunho pessoal de Françoise Schwab iluminou a coerência entre o homem e a obra, caracterizada pela extrema humildade, exigência de honestidade e uma profunda generosidade.

Andrew Kelley (Bradley University) interrogou, na sua comunicação intitulada “*L’alternative et l’instant dans ‘Le Paradoxe de la morale’*”, uma aparente transformação no pensamento de Jankélévitch relativamente às noções de “instante” e de “amor”, centrais na sua obra. Andrew Kelley constatou que, embora o amor seja tema central em *Le Paradoxe de la morale*, último grande trabalho filosófico de Jankélévitch, a noção de instante, no seu sentido técnico, aparece escassamente neste texto, ao contrário dos escritos anteriores. Esta constatação suscitou a questão: terá Jankélévitch modificado a sua conceção do amor ou a sua ideia de instante? Andrew Kelley defendeu que Jankélévitch não modificou nem a noção de instante nem a sua conceção do amor. O que ocorreu foi antes uma mudança de ponto de vista sobre a ética e o amor, na medida em que *Le Paradoxe de la morale* se concentra principalmente sobre a condição humana em geral e não sobre a “análise” de virtudes específicas, como acontecia nos trabalhos anteriores. Esta deslocação de perspectiva não implicou abandono ou reformulação dos conceitos fundamentais, mas antes uma reconfiguração do horizonte problemático no qual estes se inscrevem. Esta tese coloca em evidência a coerência profunda do pensamento jankélévitchiano ao longo da sua evolução, mostrando que as aparentes descontinuidades resultam de mudanças de ênfase e de abordagem, não de ruturas conceptuais.

Sob o título “*La pensée humiliée et la ruine du discours philosophique. Jankélévitch à l’épreuve de lui-même*”, Pierre-Alban Gutkin-Guinfolleau (Institut Catholique de Paris) propôs-se examinar a filosofia de Jankélévitch à luz das suas próprias exigências, partindo do princípio de que o valor de um pensamento só se revela na sua crítica. O autor analisou o alcance problemático do pensamento jankélévitchiano, mostrando que, embora este forneça os critérios de exigência do “*sérieux métaphysique*” (epistemológico, moral e estético), esse rigor aparece como uma dificuldade estrutural da própria filosofia, mesmo quando esta formou objetos legítimos – objetos em negativo – para o seu discurso (o *presque-rien*, a criação, o *je-ne-sais-quoi*, o *à-faire*). O fracasso do discurso filosófico, enquanto inverte todos as negações e precauções em posições e teses, conduziu ao exame da intenção de Jankélévitch: porquê escrever filosofia *quand même*? Esta questão revelou uma alternativa: a intenção seria perversa ao pretender abstrair-se das regras que ela própria editou, ou humilde ao infligir-se o mesmo destino das outras filosofias. Contudo, tratou-se de uma alternativa apenas aparente, pois ambas as intenções se reúnem numa dialética tematizada por Jankélévitch após Pascal. Finalmente, a análise deslocou-se da intenção para o texto, propondo uma leitura da obra como expressão ou *performance* do fracasso filosófico. À luz da estética simmeliana, a filosofia de Jankélévitch revelou-se como uma ruína: uma filosofia com aspeto de ruína e uma ruína da filosofia.

José Beato (Universidade de Coimbra) desenvolveu, em “*Mystère et paradoxe de l'ipseité*”, uma análise aprofundada da noção de *ipseidade*, identificando na sua origem um “duplo espanto” que constitui o motor do pensamento jankélévitchiano. Ao espanto experimentado perante o facto de existir alguma coisa em vez de nada, juntou-se um segundo assombro, consubstancial ao primeiro: “o espanto de estar aí, de ser si-mesmo em vez de qualquer outro”. A ipseidade, definida como unicidade absoluta da pessoa considerada na sua pura efetividade, reuniu estes dois momentos de admiração filosófica. O orador sublinhou o carácter pioneiro desta mobilização conceptual no contexto da filosofia francesa do século XX, anterior às elaborações de Sartre e Ricoeur e independente da influência heideggeriana. A comunicação situou a elaboração jankélévitchiana da ipseidade na difícil articulação entre a problemática da individuação e o horizonte de um personalismo ético. A análise revelou como a ipseidade constitui simultaneamente “o mistério translúcido” e “a evidência perfeitamente inevidente” onde metafísica e moral se encontram. Esta noção possui, com efeito, um significado duplo: ontológico e axiológico. O “facto último” na ordem da realidade é simultaneamente o “valor primeiro” e inestimável, fundando no plano moral não apenas a dignidade própria da pessoa, mas também a responsabilidade ilimitada e o dever infinito de que cada agente moral está investido de modo inalienável e inadiável.

Joëlle Hansel (Centre Raissa et Emmanuel Levinas – MOFET, Jerusalém) explorou, na sua intervenção “*Emmanuel Levinas et Vladimir Jankélévitch: Variations sur le sens de l'humain*”, a relação intelectual entre estes filósofos em torno da questão do “sentido do humano”, problema filosófico fundamental para ambos. Joëlle Hansel reconstruiu o percurso desta relação desde os anos 1930, no círculo de Gabriel Marcel, passando pelo *Collège philosophique* de Jean Wahl e pelos Colóquios dos intelectuais judeus de língua francesa no pós-guerra. Levinas prestou homenagem a Jankélévitch em 1985, salientando particularmente a sua interpretação ética da duração como “inquietação por outrem”. As obras de maturidade de ambos testemunharam um mesmo cuidado em fazer da ética a “filosofia primeira”, convergência que Levinas descreveu como uma “harmonia pré-estabelecida”. Contudo, os escritos de antes da guerra revelaram tanto aproximações quanto divergências. Assim, *De l'évasion* (1935) e *L'alternative* (1938) exprimiram uma revolta comum contra a peso da existência e o desejo de dela se libertar. Todavia, nos seus *Carnets de captivité*, Levinas assinalou um desacordo profundo com as teses de Jankélévitch em torno da noção de *il y a*, então em gestação. Joëlle Hansel mostrou como se desenharam, em última análise, duas maneiras diferentes de pensar o sentido do humano.

Partindo de uma questão profundamente interpelante colocada em serviço de reanimação pediátrica – “Quer tê-lo nos seus braços quando chegar

o momento?” –, Flora Bastiani (Université Toulouse 2 Jean Jaurès) propôs na sua comunicação “*Voulez-vous le tenir dans vos bras le moment venu ? Accueillir le mourir en service de réanimation pédiatrique*” uma reflexão sobre o limiar do indizível. Contrariamente à fórmula habitualmente ligada ao nascimento, esta questão dirigiu-se a pais confrontados com o anúncio do falecimento iminente do seu recém-nascido. Flora Bastiani analisou como esta pergunta, formulada por uma puericultora, constitui um convite a estar presente ante o indizível, a habitar um momento insuportável junto da criança moribunda. Este gesto, simultaneamente simples e devastador, permitiu ao progenitor exercer um último ato de proteção, de amor e de pertença, no momento mesmo em que a vida se extingue. Não se tratou de negar a morte, mas de lhe dar um sentido, uma presença, uma dignidade. Nisto, esta cena encontrou-se com o pensamento de Vladimir Jankélévitch, para quem o momento do morrer, longe de ser um vazio, pode tornar-se uma última ocasião de ser, de existir ainda, de outro modo. Esta questão abriu um espaço frágil, mas real onde um progenitor pode ainda agir, ainda amar. Interrogou a nossa conceção do cuidado, do tempo, do corpo e da finitude humana. Foi esta tensão entre a violência da perda e a possibilidade de um último gesto de sentido que Flora Bastiani procurou explorar, considerando-a como um momento profundamente filosófico, ético e humano em diálogo com a filosofia de Jankélévitch.

Uma análise rigorosa da conceção jankélévitchiana do perdão, profundamente marcada pela experiência pessoal do filósofo face à barbárie nazi, foi proposta por João Emanuel Diogo (Universidade de Coimbra) em “*L’impossibilité du pardon*”. A comunicação distinguiu metodicamente o perdão autêntico dos diversos “pseudo-perdões” (usura do tempo, desculpabilização, esquecimento voluntário), caracterizando o verdadeiro perdão como evento espontâneo e incondicional que reconfigura a relação com o passado. A análise culminou na exploração da noção de “imperdoável”, mostrando como crimes contra a humanidade como a Shoah ultrapassaram os limites do perdão possível, criando uma responsabilidade absoluta e imprescritível.

A afinidade essencial entre a música e o tema da nostalgia no pensamento estético de Jankélévitch foi explorada por Clóvis Salgado Gontijo (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Belo Horizonte) na comunicação “*Saudade indefinida: um motivo em sintonia com a ipseidade musical*”. Partindo do pressuposto jankélévitchiano de que o tratamento recorrente de certos motivos pelas obras de arte não é acidental, mas resulta de estreita afinidade entre motivos e expressões artísticas específicas, Clóvis Salgado Gontijo analisou o parentesco privilegiado entre a música e a atmosfera expressiva da nostalgia, explorada recorrentemente pelo repertório musical europeu a partir do século XIX. O autor identificou dois motivos principais para esta afinidade. Primeiro, a dinâmica radicalmente temporal em que se inscreve a

música e da qual brota a nostalgia: o dissipar do momento anterior na lógica da sucessão musical reflete a irreversibilidade da vida, mas a música, lidando com um tempo estilizado, é capaz não só de simbolizar mas de mitigar, com os seus *ritornelli*, a algia proveniente dessa consciência. Segundo, o carácter indeterminado e imotivado que liga a música a um tipo específico de nostalgia: a “nostalgia aberta”. Finalmente, o orador enfatizou a dimensão antropológica subjacente às vivências da música e da nostalgia, sugerindo que esta proximidade poderia ampliar-se para além da restrita delimitação às “músicas da nostalgia” identificadas por Jankélévitch.

3. Momento musical de encerramento

Como complemento ao encontro científico, o evento incluiu um pequeno recital, destinado a evocar Jankélévitch como pianista, melómano e musicólogo. Realizado no *Seminário Maior de Coimbra*, este momento musical consistiu na interpretação de repertório francês para voz e piano, sublinhando a dimensão estética fundamental do pensamento jankélévitchiano.

A soprano Gabriela Maria de Jesus Ribeiro e a pianista Rita Namorado interpretaram peças de Gabriel Fauré e Claude Debussy, compositores centrais no corpus musicológico de Jankélévitch. José Beato, acompanhado ao piano por Nuno Oliveira, interpretou uma peça original dedicada à memória do homenageado, intitulada “Chanson pour Vladimir”.

Chanson pour Vladimir¹

*Il y a dans chaque instant une nouvelle enfance
Là où il n'y a d'instinct que la seule innocence.
Les noires et les blanches s'écoulent en farandole,
En subtil devenir de chants et barcaroles*

*La grâce enchanteresse de ces vétustes dames
Qui dansent dans ton cœur, à la cime de l'âme
En vaillance fidèle, sincère humilité
Là où le pur amour est toute la beauté*

*Et la candeur s'anime au rythme de ta flamme,
Tu résistes et transiges là où nul ne te blâme.
Les noires et les blanches chantent au-delà des mots
Le charme et la vertu d'un silence nouveau.*

¹ Letra e música: José Beato; Arranjos: Nuno Oliveira.

4. Síntese e perspectivas

O colóquio “A Virtude do Inefável” foi o primeiro evento científico dedicado à vida e obra de Jankélévitch em Portugal. Constituiu um momento particularmente enriquecedor e será certamente reconhecido como um marco importante no panorama dos estudos jankélévitchianos. A qualidade das comunicações, a diversidade das abordagens e a riqueza dos diálogos estabelecidos confirmaram a atualidade do pensamento jankélévitchiano e a vitalidade do seu legado, quarenta anos após o falecimento do filósofo.

Três aspetos merecem particular destaque: primeiro, a capacidade demonstrada pelos participantes de articular rigor conceptual e tonalidade existencial, espelhando a própria natureza da filosofia jankélévitchiana; segundo, a abertura interdisciplinar que permitiu explorar as charneiras entre metafísica, ética do cuidado, estética musical e experiência vivida; terceiro, a dimensão internacional do evento, que favoreceu o cruzamento de tradições hermenêuticas distintas.

Das comunicações apresentadas emergiram quatro grandes eixos temáticos. O primeiro eixo, de natureza metafísico-ontológica, foi explorado através da singular “meontologia” jankélévitchiana. Enrica Lisciani-Petrini demonstrou como Jankélévitch propõe uma visão radicalmente alternativa à ontologia tradicional, centrada não no Ser visível e dizível, mas num ‘ser’ refratário às palavras – fonte inesgotável da eflorescência do real. José Beato desenvolveu a noção de ipseidade como “mistério translúcido”, revelando a unicidade absoluta da pessoa e a articulação entre a problemática da individuação e o horizonte de um personalismo ético.

O segundo eixo, de carácter ético-moral, constituiu outro núcleo do encontro. Françoise Schwab sublinhou o primado absoluto da moral no pensamento jankélévitchiano, traçando a evolução desde uma filosofia bergsoniana da vida até uma filosofia da ação forjada pela experiência da guerra. Esta dimensão ética desdobrou-se em múltiplas direções: Andrew Kelley explorou a coerência do pensamento sobre o amor e o instante; João Emanuel Diogo analisou a questão do perdão e do imperdoável face à Shoah; Flora Bastiani trouxe a reflexão sobre a morte e a finitude para o contexto dos cuidados paliativos pediátricos, demonstrando como o momento do morrer pode constituir uma “última ocasião de ser”. A intervenção de Joëlle Hansel sobre a relação entre Levinas e Jankélévitch permitiu situar esta filosofia no contexto do pensamento francês do século XX, revelando convergências profundas (ambos fazem da ética a “filosofia primeira”) e divergências significativas (duas maneiras diferentes de pensar o “sentido do humano”), mas sublinhando o carácter pioneiro da reflexão jankélévitchiana.

O terceiro eixo, de natureza gnosiológica e estilística, foi transversal todas as comunicações: a questão do inefável e dos limites do dizível. Fré-

déric Worms estabeleceu, desde a conferência inaugural, esta problemática como sendo central, contrapondo o espanto filosófico à sideração paralisante. Pierre-Alban Gutkin-Guinfolleau interrogou radicalmente os limites estruturais do próprio discurso filosófico, mostrando como a filosofia de Jankélévitch se assume conscientemente como “ruína” – uma filosofia que tematiza o seu próprio fracasso face ao inefável. O *je-ne-sais-quoi*, o *presque-rien* e o *à-faire* surgem assim como objectos paradoxais de um discurso filosófico que se mantém numa posição de inacabamento assumido.

O quarto eixo, de dimensão estético-musical, revelou-se indissociável das preocupações metafísicas e éticas anteriormente mencionadas. Clóvis Salgado Gontijo explorou a afinidade essencial entre a música e a nostalgia, mostrando como a arte musical, na sua dinâmica radicalmente temporal, simboliza e mitiga simultaneamente a consciência da irreversibilidade do tempo. Esta reflexão estética encontrou a sua consumação no momento musical de encerramento, onde se evocou Jankélévitch como pianista, melómano e musicólogo. A interpretação de peças de Gabriel Fauré e Claude Debussy – centrais no corpus musicológico jankélévitchiano – pela soprano Gabriela Ribeiro e pela pianista Rita Namorado, bem como a estreia da peça original “*Chanson pour Vladimir*”, escrita e interpretada por José Beato, com arranjos de Nuno Oliveira, constituíram não apenas uma homenagem artística, mas uma demonstração prática de como a música encarna o acesso ao inefável e a temporalidade nostálgica que atravessa toda a filosofia jankélévitchiana. A reflexão filosófica e a expressão musical mostraram a fecundidade da sua convergência.

Os objetivos inicialmente propostos para este evento foram plenamente alcançados. Ficou demonstrada a vitalidade e a fecundidade do legado jankélévitchiano para o pensamento contemporâneo. A publicação dos trabalhos apresentados constituirá certamente uma contribuição significativa para os estudos jankélévitchianos, prolongando e aprofundando os diálogos iniciados neste encontro memorável na cidade de Coimbra.

José Manuel Beato
Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras.
Unidade I&D IEF; Unidade I&D CECH.
jose.beato71@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5254-7321>

